

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Antropologia
70.910 - Brasília-DF
Fones: 2733264 (direto)
2740022 - Ramal 2368

Série Antropologia nº 03
1987

EM FAVOR DA TRADIÇÃO OU FALAR É FÁCIL,
FAZER É QUE SÃO ELAS

Custodia Selma Sena

"... se o riso é o deleite da plebe, que a licença da plebe seja re-freada e humilhada, e amedontrada com severidade. ... Mas se um dia alguém, agitando as palavras do filósofo, e falando como filósofo, levasse a arte do riso à condição de arma sutil, se à retórica do convencimento se substituísse a retórica da irrisão ... então não teríamos armas para deter a blasfêmia".

(O NOME DA ROSA: Eco. 1983:534-5)

ADVERTÊNCIA AO LEITOR ESPERTINHO (I)

Se você pensa que seria muito mais sutil da parte do autor começar a escrever satiricamente o texto sem avisar a ninguém para não correr o risco de: a) tendo avisado, ninguém achar graça (o que comprovaria o fracasso da empreitada) e/ou b) algum leitor chegar ao final do texto e dizer "se eu não tivesse sido avisado não teria percebido tratar-se de uma sátira" (o que comprovaria a falta de humor do leitor).

Bom, se você pensou isso, você pode até ser um leitor mas não tão esperto quanto se julgava até agora.

Dentro do melhor estilo pós-antropológico, o autor agora não tem apenas que construir um texto para ser feliz mas deve ainda estar consciente do processo de construção, de seu próprio lugar no texto, dos artifícios retóricos usados e dos efeitos conseguidos através de.

ADVERTÊNCIA AO EX-PERTINHO DO LEITOR (II)

Caso você não saiba, as notas de rodapé, a despeito do nome e de estarem sempre fora de mão, fazem parte integral do texto. Elas não são, como pensam alguns, aquele excedente de irrelevantâncias não obrigatórias a ser lido, se der tempo, depois das irrelevantâncias obrigatórias. Pelo contrário. As notas de rodapé podem ser informativas, instrutivas, repetitivas e até divertidas. Além disso, elas atestam em favor do autor a posse de uma atitude filosófica flexível e econômica, aberta a dúvidas e críticas. Sobre a ausência de notas de rodapé num texto e seu significado negativo na avaliação do caráter de um homem de ciência, veja nota de rodapé.

I. Comentário inicial destinado, através do artifício retórico da sátira a demonstrar ao leitor em geral, e a alguns em particular, que o autor possui um amplo conhecimento do assunto.

Esse é um texto para iniciados. Como o sugere o próprio título, não é meu propósito contextualizar, dentro da história da antropologia a tendência auto-reflexiva, dialógica ou experimental. sobre a pertinência e o alcance das questões levantadas pelos pós-antropólogos em relação à atividade etnográfica, em seus aspectos de prática de pesquisa e construção de texto, o leitor pode consultar, além do material de propaganda do grupo⁽¹⁾, Fischer (1983) e Peirano (1986) em português.

O objetivo desse texto é muito mais modesto. Ele deve ser entendido apenas como um gesto de vingança: primeiro, contra os antropólogos americanos, por terem decretado o início da idade pós-moderna na antropologia quando os terceiro-mundistas ainda nem conseguimos ingressar propriamente na modernidade⁽²⁾; segundo, pelo prazer de desafinar o coro dos pós-nativos locais. E a euforia local não pode ser creditada apenas à mudança de status do outro no contexto do confronto etnográfico: pelo benévolo gesto ético e político dos antropólogos de vanguarda americanos, nós, os nativos, os antropólogos do terceiro mundo, as mulheres e os grupos dominados de modo geral, temos agora um espaço de fala garantido nos textos etnográficos experimentais, ainda que a questão prática da co-autoria não tenha sido resolvida⁽³⁾.

Não. O espírito da euforia emana dos próprios textos e está vinculado à forma como os pós-antropólogos se representam em relação à tradição da disciplina e também à sua situação específica no contexto mais imediato da universidade americana.

(1) Veja referência na Bibliografia.

(2) A modernidade na antropologia começou nos EUA, nos anos 60, com a vertente interpretativa. Todo o período anterior e essa data será futuramente conhecido como a pré-história da antropologia ou a era da etnografia tradicional.

(3) Marcus e Cushman, 1982:43.

Muito embora os próprios experimentalistas identifiquem, internamente, a existência de duas alas segundo a profundidade do questionamento à disciplina -

"Most experimental ethnographies attempt to change genre conventions, in line with a shift in theoretical orientations toward problems of meaning, but without changing the fundamental ethnographic goals of description and interpretation. As yet, fewer but more extreme ethnographic experiments change genre conventions with a basic openness about what the purposes and concerns of ethnographic writing, still based on fieldwork, should be". (Marcus e Cushman: 1982:28).

- eles compartilham a certeza de estarem operando uma profunda ruptura na história da antropologia: ou uma mudança na natureza da disciplina ao integrar as reflexões recentes sobre o encontro etnográfico ou uma explosão de suas fronteiras e a abertura de um novo espaço para uma forma alternativa de reflexão cultural.

Dedicadas atualmente à mesma tarefa, definida em inglês como *the clearing out the grounds* e que poderia ser goianamente traduzida, com a precisão profissional dos tradutores de filmes estrangeiros, como "limpeza do terreno para plantio de um novo objeto de estudo"⁽⁵⁾, a ala experimental moderada e a ala experimental xiita poderiam ser descritas, respectivamente como "os profetas de um novo paradigma" e "depois de nós, o dilúvio".

Seja como for, a idéia é que se trata de um trabalho criativo, original, inovador, alinhado com o nosso tempo e definido contra o pano de fundo de uma *out-dated* etnografia tradicional. Discordâncias à parte⁽⁶⁾, por parte dos discípulos de Salo

(4) Sem destaque no original.

(5) Ou como diz Rabinow: "*The first move in legitimating a new approach is to claim it has an object of study, preferably an important one that has previously escaped notice*" (1986: 242).

(6) Para as discordâncias à parte, veja, por exemplo, Peirano, 1986:4 e Rabinow, op.cit.

mão que crêem que não há nada assim tão novo debaixo do sol⁽⁷⁾ é com profundo alívio que o leitor de mais de dez e menos de doze textos pós-antropológicos encontra com uma formulação positiva saída de um grupo que se define usualmente pela negativa: eles não são um grupo, eles não formam uma escola, eles não seguem modelos, eles não propõem modelos, eles não acreditam em teoria geral, eles não suportam o positivismo, eles não são convencidos pela transparência do realismo etnográfico, eles não são enganados pelo virtuosismo interpretativo, eles não reivindicam uma genealogia na tradição da disciplina, eles se reuniram em Santa Fé para matar o pai⁽⁸⁾.

Mas por um daqueles revezes a que toda boa família está sujeita, a rebeldia obsessiva contra o pai pode ocultar, até que um inoportuno o recorde, as profundas semelhanças que unam um avô já perdido a seus netos. Se os pós-antropólogos tivessem estudado com mais zelo sua própria árvore genealógica poderiam talvez ter escapado da praga proferida contra eles por Stocking em 1974, numa espécie de antecipação do porvir:

"The skepticism of general theory and sociological laws, the rejection of a priori assumption, the focus on the individual ethnographic case - Boas' shade must smile with satisfaction! (1974:20)

Cumprindo a contragosto uma promessa já feita, percebo que me falta ainda mencionar a questão dos experimentalistas no contexto da universidade americana. Em relação a esse tema, confesso com sinceridade⁽⁹⁾ que me faltam dados e me sobram suposições e suspeitas baseadas, as primeiras, em pistas muito tênues.

(7) Eclesiastes, 2:9.

(8) Sobre o assassinato de Geertz por seus filhos pós-modernos em Santa Fé, New México, abril de 1984, veja o epitáfio *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnographic*, 1986. E sobre o significado simbólico da morte de qualquer pai, inclusive moderno, veja Freud.

(9) Sobre a eficácia do uso da sinceridade enquanto um artifício destinado a aumentar a credibilidade do autor junto ao leitor, veja Rosaldo, 1984:92.

nues fornecidas pelos próprios textos, e as segundas em uma familiaridade - involuntária, diga-se de passagem - com a orientação ideológica da esquerda brasileira.

Minha idéia é que seria bastante esclarecedor tentar entender a emergência do grupo no contexto de um mercado de trabalho altamente saturado para profissionais da antropologia e onde a universidade é a única opção. Mesmo considerando que alguns deles migram para países do terceiro mundo, preferencialmente para aqueles objeto de tese de doutorado, a competição ainda assim é acirrada o suficiente para produzir uma pressão direta sobre a carreira do profissional.

Nesse contexto, a busca da distinção através da inovação não é apenas uma questão de sobrevivência intelectual, como o demonstra o seguinte classificado encontrado num texto pós-antropológico:

"While standard ethnographies are still being produced continually, considerable rewards are offered, both in degree of publisher interest and positive critical response, to ethnographers who couch their work in more personal and novelly structured ways" (Marcus e Cushman, 1982:26).

Descontado o excesso de otimismo próprio da juventude graças a Deus, é necessário ainda não esquecer que esse movimento é emergente, específico e localizado, não nos Estados Unidos mas na Universidade de Rice.

Muito embora a honestidade me obrigue a responder ao cauteloso recado de Rabinow de que "the news has not yet arrived in most anthropological departments" (1986:250) com um "Nos Estados Unidos não, aqui no Brasil já", resta saber se numa sociedade que realiza plenamente a ideologia do novo pelo novo⁽¹⁰⁾, cutucar o establishment com vara curta pode resultar, não na marginalidade, mas na incorporação institucional.

Pois, afinal que universidade não aspira ter sua cola

(10) Enquanto outras sociedades, a do novo pelo velho. Algumas, a do velho pelo mais velho ainda e outras mais, como a sociedade brasileira, a do novo imediatamente envelhecido pelo novo em processo de envelhecimento.

ção completa de espécimes zoográficas⁽¹¹⁾, do especialista em relações cerimoniais entre primos cruzados do sexo masculino a partir do segundo decanato de vida em noites de lua cheia até um autêntico representante da mais nova geração antropológica, um especialista em desconstrução semiótica da mal passada produção etnográfica?

Feita a assepsia institucional, aparadas pontas e arestas, contido o excesso de poesia, pode ser que nesse momento nos EUA os pós-antropólogos tenham uma melhor cotação no mercado de trabalho que os produtores de etnografias tradicionais, com seu *dry* estilo realista. Uma coisa, pelo menos, é certa: como o demonstra o sucesso de vendas do Waiting: the Whites of South Africa (Crapanzano, 1985) - comercializado até em bancas de revista nos EUA, a única maneira de se sair do círculo restrito de leitores especializados, é tentar o leigo com um texto de boa qualidade literária. Além do mais, é preciso que se diga, os próprios leitores especializados já andamos saturados com textos etnográficos que, em nome da objetividade, da convenção acadêmica, da sobriedade científica ou, o que é mais frequentemente o caso, por absoluta insuficiência retórica, continuam tentando imitar, sem sucesso, Os Argoonautas do Pacífico Ocidental ou Os Nuer.

Dados uma teoria referencial fixa e um modelo padrão de texto etnográfico somos literalmente atormentados nas salas de aula, nas defesas de tese, nos congressos e demais eventos científicos pela exposição obsessiva e minuciosa de monótonas irrelevâncias empíricas - como o processo de preparo da terra e cultivo das rocinhas de fundo de quintal enquanto uma atividade exclusivamente feminina entre os camponeses de origem européia no interior do Paraná - cuja função não é apenas, como supõem os experimentalistas, ratificar que o antropólogo "esteve lá", cumpriu o trabalho de campo, conhece o grupo e está autorizado a falar dele, sobre ele, em nome dele e por ele na academia.

(11) Espécimes zoográficas: especialistas na produção de sinais gráficos. Descendentes de Gutemberg.

A exibição explícita de intimidades empíricas pode ser ainda, creio eu, o detalhe único a diferenciar uns dos outros os textos etnográficos padronizados e a garantir aquele resíduo mínimo de novidade exigido pela academia para a formalização do processo educacional, além de permitir a continuidade de um fecundo diálogo intelectual do tipo: "como o seu camponês é diferente do meu!"; "meus negros não fazem isso!"; "seus índios são definitivamente originais!".

E finalmente, enquanto versão científica do ditado popular; "do outro eu quero é distância", essas representações esterilizadas e estéreis nos trazem notícias, à distância, do outro, para deleite da atividade pensante e apaziguamento das consciências politicamente compromissadas.

II. De onde se entra propriamente no assunto ou uma leitura crítica da crítica pós-antropológica dentro do estilo realista etnográfico que, seja como for, já tem todos os seus truques retóricos bem testados por 200 anos de uso contínuo. Isto é que é tradição. O resto aspira a.

Como é praxe entre os pós-antropólogos empreender seus exercícios de desconstrução literária através da consideração simultânea de três ou mais textos etnográficos, não necessariamente escritos por antropólogos⁽¹²⁾, o objetivo dessa segunda parte é examinar os artigos de Rosaldo: "From the Door of his Tent: The Fieldworker and the Inquisitor" e de Marcus: "A Timely Rereading of Naven: Gregory Bateson as Oracular Essayist", publicados, o primeiro, em 1986 no Writing Culture: The poetics and Politics of Ethnography, e o segundo em 1985, na Revista Representations.

Em "From the Door of his Tent..." Rosaldo se propõe desenvolver

(12) Além dos artigos mencionados, veja ainda Crapanzano, 1986, uma crítica a Catlin, Goethe e Geertz.

"an anatomy of ethnographic rhetoric by exploring modes of authority and representation in two deservedly classic books: E.E. Evans-Pritchards's The Nuer and Emmanuel Le Roy Ladurie's Montaillou" (1986:77).

Como é do conhecimento público, Os Nuer⁽¹³⁾, publicado originalmente em 1940, é mais do que uma etnografia exemplar ou "um exemplo representativo das convenções retóricas da disciplina", como o considera Rosaldo (1986:77). Ele tem sido, da data de sua publicação até agora, um modelo teórico e de construção do texto etnográfico para os antropólogos britânicos e outros formados nessa tradição⁽¹⁴⁾. Quanto à Montaillou, escrito em 1975 por um historiador francês, sua característica mais notável parece ser o uso impecável de registros da inquisição em uma análise etnográfica de uma vila francesa do século XIV.

Através do exame das formas de estabelecimento da autoridade do pesquisador e de construção de descrições objetivas em Os Nuer e em Montaillou, Rosaldo pretende mostrar que "as desconfortáveis semelhanças" (:78) entre as figuras do pesquisador de campo e do inquisidor não são meras coincidências mas estão intimamente vinculadas às práticas discursivas convencionais da antropologia.

Já o artigo "A Timely Rereading of Naven...", de Marcus, um artigo fora de praxe sobre um único autor, apresenta uma releitura do Naven, de Bateson⁽¹⁵⁾ para demonstrar que

"The central fact about Naven, Gregory Bateson's first and only ethnography (1936), is that it is above all else a failed essay" (1985:66)

e que sua redescoberta pela antropologia interpretativa teria resultado apenas de um feliz acidente de trabalho.

Como sugere o título "Releitura oportuna" o leitor já encontra, em 1982, no artigo "Ethnographies as Texts" de Marcus

(13) Editado em português pela Editora Perspectiva de São Paulo em 1978.

(14) Para uma apreciação de Os Nuer, veja Dumont, 1975.

(15) BATESON, Gregory. Naven. Stanford: Stanford University Press, 1958.

e Cushman, referências freqüentes ao Naven e, contrariamente à presente crítica, uma perspectiva de resgate do caráter inovador e potencial da etnografia de Bateson. Assim, enquanto em 1982 Naven havia sido caracterizado como

"presenting a richly described event or practice that is intended to embody a puzzle for the reader, then moving through a series of topics that deal generally with the culture..." (:41),

em 1985, e pelas mesmas razões, tal virtude é desprezada:

"It expands beyond a limited account of certain strikingly exotic customs among a New Guinea people into a long, rambling text full of unexpected turns, rebeginnings and hedging asides" (:66).

Que não se espante o leitor. O que mudou não foi o texto de Bateson mas seu significado para o comentarista que, entre 1982 e 1985, alinhou sua trajetória com a ala xiita dos pós-antropólogos.

Texto sobre texto sobre texto, meu objetivo nesse paper é fazer alguns comentários sobre a natureza da crítica dos pós-antropólogos à já chamada etnografia tradicional. Muito embora algumas questões específicas estejam melhor exemplificadas ou mais visíveis em um ou outro dos artigos mencionados - e eles foram escolhidos de forma arbitrária - esse tipo de atividade dos pós-antropólogos denominada análise literária ou textual ou crítica de textos apresenta, em seu conjunto, uma série de características comuns.

Isso significa que, à diferença do trabalho de construção de textos etnográficos que têm avançado lenta, hesitante e, este sim, experimentalmente, o processo de desconstrução é demolidor pois opera sobre um modelo previamente desenvolvido pela literatura no gênero da crítica literária.

A esse respeito chamo a atenção para uma das características mais encontráveis nos textos críticos: a análise, ao mesmo título, de trabalhos etnográficos produzidos tanto por antropólogos quanto por historiadores, escritores, viajantes, etc e em épocas completamente diferentes.

À primeira vista, tal procedimento parece indicar ape

nas que o termo etnografia estaria sendo usado em um sentido mais amplo que aquele institucionalmente estabelecido. Mas uma observação mais cuidadosa mostrará que a questão em jogo não é a procura do especificamente etnográfico em diferentes gêneros literários - uma forma de explosão das fronteiras das disciplinas - mas a dissolução da especificidade do texto etnográfico, pela ênfase em seu caráter de texto - uma forma de implosão das fronteiras da disciplina.

Uma vez operado esse nivelamento dos textos, torna-se possível proceder a uma análise do processo de construção literária independentemente do contexto histórico e sociológico de sua produção. Cindido o texto entre forma e conteúdo e centrado o foco na questão do estilo tudo o que resta, para usar perfidamente uma citação de Crapanzano, "é a materialidade da palavra escrita" enquanto garantia de certeza interpretativa⁽¹⁶⁾.

E trata-se realmente de um procedimento reducionista porque se poderia, sem prejuízo da análise dos artifícios retóricos, preservar da antropologia a idéia de uma etnografia do dito enquanto forma de tornar inteligível para nós o ponto de vista do outro - no caso, o construtor do texto etnográfico. Porque uma coisa se pode, com certeza, dizer dos pós-antropólogos: para quem fez da etnografia seu cavalo de batalha, eles se mostram muito pouco etnográficos com a passada produção antropológica.

Se essas considerações podem ser pertinentes em se tratando da crítica à etnografia tradicional, julgo que elas se aplicam à perfeição ao artigo "A Timely Rereading of Naven". Mais que inoportuna, impertinente, e mais que impertinente, perversa, a crítica do Naven é o exemplo mais claro da síndrome do "presentismo" que assola as ciências sociais em geral e os pós-modernos em particular.

Cunhado por Stocking, o termo "presentismo" refere-se à tendência em abstrair

"Things from their historical context and judging them apart from their context - estimating them and organizing the historical study by a system of direct reference to the present". (1968:3).

(16) Crapanzano, V.: 1981:52.

A ironia oportuna da releitura de Bateson é exatamente essa: Bateson é acusado de não ter derivado, em 1936!, todas as conseqüências de sua dúvida intuitiva sobre a adequação da representação científica de uma totalidade cultural e de não ter percebido como problemático "the thought of both the interpreter and the interpreted in their mutual relationship" (Marcus, 1985: 79).

Projetando no passado uma série de questões não apenas modernas, mas ainda pós-modernas, Naven é julgado por aquilo que ele não foi, pelo que se deixou de fazer e pelo que se fez incompletamente, um artifício retórico de ênfase na ausência, cujo efeito é a validação, pelo contraste implícito, do modelo de quem julga. Apenas a título de exemplo, já que a ênfase no negativo permeia todo o texto, o exame das primeiras páginas revela o seguinte balanço:

"There is no textual resolution..." (:70); "he misses it..." (71); "he did not extend..." (71); "...unproblematic and simplistic..." (:71); "he did not fundamentally..." (:74); "Not dialogue..." (76); "he did not see..." (:77); "...it did not break..." (:77), etc, etc.

Uma forma de avaliação ou descrição criticada pelos próprios pós-antropólogos nos trabalhos etnográficos tradicionais, como o de Evans-Pritchard ou Ladurie. Textualmente, diz Rosaldo:

"When Evans-Pritchard characterize Nuer Society, he often resembles Le Roy Ladurie in speaking of absences rather than presences ... The Nuer, in other words, lack the obvious (to a Western eye) institutions of political order. They have no social classes, no state, no law, no leadership" (1985:94).

uma observação idêntica à formulada por Geertz (1983;76-77) ainda em relação ao trabalho de Evans-Pritchard.

Ao que eu acrescentaria, também no dos pós-antropólogos, pois a qualidade da ausência é a mesma, seja o outro um nativo ou um antropólogo. Se a ênfase na ausência evidencia - na etnografia tradicional - o etnocentrismo do olhar ocidental em relação a um outro empiricamente dado, essa mesma ausência patenteia - na etnografia experimental - o estrabismo histórico dos pós-antropólogos em relação a um outro teoricamente construído. Lá, como aqui, o uso do artifício produz o mesmo resul

tado: ressaltar a excelência dos "quadros estabelecidos da percepção social" do pesquisador⁽¹⁷⁾ ou a liberdade epistemológica do etnógrafo contemporâneo⁽¹⁸⁾.

Conseqüência dessa visita "presentista" à história, uma consciência contemporânea é imputada aos autores clássicos de modo que a tensão que sempre caracterizou a disciplina - traduzir objetivamente a experiência subjetiva do encontro etnográfico - e que é vivenciada enquanto angústia pelo antropólogo, se transforma, na leitura pós-antropológica, em uma questão de "clear choice", como se lê em "A Timely Rereading of Naven":

"This unproblematic and simplistic construction of data according to empiricist conventions was thus a clear choice or move on Bateson's part (:71).

Du Rosaldo, com referência a Os Nuer

"If Le Roy Ladurie converts interrogation into overhearing and cataloguing, Evans-Pritchard transforms lively dialogue into listening and envisioning. The tale of the fieldworker as lone heroic victim establishes his innocence from colonial domination and validates his credentials as a disinterested scientist (:93).

Frente a isto talvez seja bom lembrar que avaliar o Naven através do compromisso positivista de Bateson ou Evans-Pritchard pelo compromisso com o regime colonial é o mesmo que tomar os Argonautas do Pacífico Ocidental como a realização das regras científicas e objetivas conscientemente estabelecidas por Malinowski na introdução do livro.

Sem sacralizar a tradição mas também sem olvidá-la, resta constatar que, a despeito do positivismo mas também por isso, o que o Naven exprime é o embate - e o desvio - entre a orientação antropológica dos anos 30 e a percepção intuitiva de Bateson de que a representação etnográfica é um artefato.

Se o Naven carrega as marcas da prática antropológica

(17) Geertz, 1983:74.

(18) Marcus, 1985:79.

de seu tempo, que buscava a apreensão de totalidades culturais emparada no suposto da racionalidade e objetividade do conhecimento científico, seu desvio pode ser muito melhor entendido por referência a características biográficas específicas de Bateson⁽¹⁹⁾.

Prisioneiro, por um lado, do modelo de ciência antropológica dominante à sua época e rebelando-se contra ele a intervalos, por características de personalidade e uma incompleta socialização no *métier*, o Naven de Bateson, enquanto uma tentativa de experimento etnográfico - o cerimonial redescrito de vários pontos de vista - não poderia ter sido escrito, digamos, por Margaret Mead, essa sim uma antropóloga afinada com as convenções acadêmicas de seu tempo.

O fracasso do Naven pode ser com muito mais razão atribuído a esse tom de dúvida e ao desvelamento do papel da subjetividade na elaboração da teoria, num contexto em que a antropologia buscava consolidar-se enquanto ciência do que, como faz Marcus, imputando-o ao próprio Bateson:

"Bateson's general retreat from attempts at monographic analytic writing to the consistent use of a conventional and didactic essay form after writing Naven was a pessimistic reaction to the possibilities of achieving ethnographic goals of representantion" (:76).

Novamente aqui, como alhures, há a imputação de uma consciência total e não histórica ao autor e um obscurecimento, oportuno ou involuntário, do contexto social mais amplo e das regras internas do campo de produção de bens simbólicos, à época em que Naven foi escrito.

E essa descontextualização, se não oportuna é, pelo menos, contraditória porque o movimento primeiro da crítica é situar Naven na tradição da disciplina como

"a classic amid the pioneering works in functionalist anthropology, which has always had a mystique and special respect among British and American Anthropologists, despite its peculiar organization and hyper-self-consciousness" (:67)

(19) Para referências à biografia de Bateson, veja Mead, M: 1975.

contra todas as evidências, já que Bateson dormia em solene es
quecimento até ter sido redescoberto, graças ao tal feliz aciden
te de trabalho, pela antropologia interpretativa.

Aliás, a mim me parece que essa é realmente a questão
central do "A Timely Rereading of Naven": não é Bateson que está
sendo criticado mas através dele e de viés, um dos fantasmas pre
feridos dos pós-antropólogos - a antropologia interpretativa.

O outro, mais que fantasma, um grande monstro - o
positivismo - responde pela ironia final dos textos experimentalis
tas: abismados pela descoberta da contaminação subjetiva da teo
ria, os antropólogos de vanguarda americanos decidiram eliminar
a subjetividade eliminando a teoria⁽²⁰⁾ e nesse movimento - pela
mecânica do princípio do bumerangue - o positivismo, expulso com
grande alarde pela porta da frente, regressa silenciosamente
through the back door.

E regressa silenciosamente, num duplo sentido: primei
ro, através da restrição do texto etnográfico a uma transcrição
não interpretada do diálogo com o "outro", e segundo através da
disparidade entre o volume e a devastação da produção crítica e
a escassez e o desalento dos trabalhos etnográficos experimenta
listas. Donde a propriedade do dito popular: "falar é fácil, fa
zer é que são elas".

(20) Agradeço a Mireya Suárez discussão sobre essa questão.

DERRADEIRA ADVERTÊNCIA AO LEITOR

Caso você não tenha percebido, esse texto é um instrumento de uma pesquisa de opinião científica. Seu objetivo é verificar qual dos dois estilos, o pós-moderno, da primeira parte, ou o realista etnográfico, da segunda, possui um maior poder de convicção. Preenchendo correta e conscienciosamente o teste abaixo, você ficará sabendo, na hora e sem complicações, qual o estilo que melhor lhe convém:

1º Teste:

- (a₁) Se você se identificou plena e imediatamente com a parte I desse artigo, você é uma pessoa afinada com o seu tempo, um pós-moderno na acepção plena da palavra.
- (b₁) Se você gostou da parte I, mas de uma forma hesitante, não se desespere. Ainda há alguma esperança para você.
- (c₁) Se você detestou a parte I, passe para o teste seguinte.

2º Teste:

- (a₂) Se você preferiu a parte II do artigo, sem reservas, você é um tradicional cioso de seus princípios.
- (b₂) Se você gostou da parte II, mas com ressalvas, seu diagnóstico é o mesmo que (b₁).
- (c₂) Se você detestou a parte II, o seu caso é o mesmo que (a₁): você é um autêntico pós-moderno, resistente a qualquer teste.

Mas como não há autor que resista terminar um texto sem um conselho, sugiro que, seja qual for o seu caso, adote, pelo menos temporária e moderadamente, o estilo pós-antropológico na próxima estação, pois o realismo etnográfico vai estar definitivamente out no outono/inverno 1988. Se você é um tradicional cioso de seus princípios e odeia virar a casaca a cada estação conforme manda o figurino, experimente uma discreta combinação intermediária que preserve do clássico sua elegante sobriedade e que inclua do moderno aquele toque de rebeldia juvenil. Você não irá se arrepender com o resultado: afinal você terá o seu look renovado em pelo menos dez anos.

BIBLIOGRAFIA

- BATESON, Gregory. Naven. Stanford: Stanford University Press, 1958 (2nd ed).
- CRAPANZANO, Vincent. "Text, Transference and Indexicality". Ethos 9:1981.
- _____. Waiting, the Whites of South Africa. New York: Random House, 1985.
- DUMONT, Louis. Preface of The Nuer. In Studies in Social Anthropology. Oxford Clarendon Press, 1975.
- ECO, Umberto. O Nome da Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. Os Nuer. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.
- FISCHER, Michael. Da antropologia interpretativa à antropologia crítica. Anuário Antropológico/83. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- GEERTZ, Clifford. "Slide Show: E-P's African Transparencies". Raritan, 1983.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MEAD, Margaret. Blackberry Winter. Nova York: Washington Square Press, 1975.
- MARCUS, G.E. e CUSHMAN. "Ethnographies as Texts". Annual Review of Anthropologie, 1982.
- MARCUS, G.E. "A Timely Rereading of Naven: Gregory Bateson as Oracular Essayist". Representations 12, 1985.
- PEIRANO, Mariza G.S. "O encontro etnográfico e o diálogo teórico". Série Antropologia nº 53. Brasília, 1986.
- RABINOW, Paul. "Representations are social facts: modernity and post-modernity in anthropology". In Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography (J. Clifford e G. Marcus, orgs.) Berkeley: The University of California Press, 1986.

ROSALDO, R. "From the door of this tent: The fieldworker and the inquisitor". In Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography (J. Clifford e G. Marcus, orgs.) Berkeley: University of California Press, 1986.

SALOMÃO, "Eclesiastes". In Bíblia Sagrada. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1977.

STOCKING, George. "On the limits of presentism and historicism in the historiography of the behavioral sciences". In Race, Culture and Evolution (Stocking, G.). New York: The Free Press, 1968.

_____. "The Basic Assumptions of Boasian Anthropology" In The Shaping of American Anthropology (Stocking, G.Ed.) New York: Basic Books, 1974.